



O Condestavel
no desfile medieval
foto Denis Salgado

ANO VIII

SÉRIE II

PROPRIEDADE DA EMPRESA
NACIONAL DE PUBLICIDADE—
RUA DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 78
TELEF. 23132
TELEG.: NOTÍCIAS-LISBOA
OFICINAS GRÁFICAS:—
«OCOGRATURA», LIMITADA
RUA D. PEDRO V 18
TELEF. 23131

o Notícias Ilustrado

Clássico Semanal do "DIÁRIO DE NOTÍCIAS"

32 PÁGINAS

PREÇO 1\$50

ASSINATURAS:

6 MESES

Portugal Continental e Insular...	35\$00
Ultramar...	42\$90
Espanha...	37\$70
Brasil...	43\$00
Outros países...	50\$70

12 MESES

Portugal Continental e Insular...	70\$00
Ultramar...	85\$80
Espanha...	75\$40
Brasil...	86\$00
Outros países...	101\$40

DIRECTOR: LEITÃO DE BARROS EDITOR: CAETANO DE ABREU BEIRÃO DIRECTOR-GERENTE: CAROLINA HOMEM CHRISTO

Humorismo

UNS gatunos que, há dias, tinham roubado, dum estabelecimento, um aparelho de T. S. F., tornaram a ir pô-lo no mesmo sítio!

Segundo os jornais, os gatunos arrependeram-se do seu feio gesto. Quanto a nós, o caso deve ter-se passado doutra maneira.

Se calhar, os gatunos chegaram a casa, ligaram o aparelho, e ouviram tantas vezes o «Fado da Bandeira», que resolveram devolvê-lo à procedência!



HÁ poucos, mas ainda existem alguns pais a quem o paternal amor não cega. Noutro dia, um amigo, conversando com outro, perguntou:

—Tu acreditas que os burros võem?
—Que idéa! Enlouqueceste?
—Pois calcula que o meu filho quer ser aviador!...



EM certa praia onde, ao que parece, a fiscalização deixa muito a desejar, e onde já se têm dado alguns graves desastres, por falta de socorros, uma nova banhista recebeu, das mãos do banheiro, uma placa de zinco numerada.

—Prenda-a, a si, de qualquer forma!—pediu-lhe.
—E para que serve isto?
—E' para reconhecermos os alogados!...



HÁ, em Lisboa, uma gentil «chauf-feuse» que não receia andar, em plena cidade, em grandes velocidades.

Ontem, perguntaram ao marido:
—Sua mulher não tem medo de andar, na cidade, com uma velocidade daquelas?

—Absolutamente nenhuma. Quem tem medo, é a gente que a encontra pelo caminho...



—Quere comprar um canivete de cem folhas?



ERA alta, coleante, vaporosa, ... languorosa, esfíngica e cinematográfica. Tinha olhos verdes e pérfidos—verdes como o sinal de via livre no caminho de ferro e pérfidos como uma conversa mundana. As unhas (oblongas, nacaradas e talhadas em amêndoa) faiscavam, reflectindo, de dia, o brilho glorioso do sol e, de noite, a luz crua dos reverberos das grandes capitais...

Todos estes pormenores, devo explicar, representam uma criação da minha fantasia. Porque ela não era nada disso. Era gorda, quadragenária, vulgar e deselegante—e tinha muita pena de não usar mitaines. Olhos: castanhos. Unhas: rentes. Distinção: pouca. Fotogenia: nenhuma. Sinais particulares: uma carteira na mão esquerda e uma menina de oito anos a reboque da mão direita.

Iam pela rua as três: a senhora vulgar, a carteira e a menina. A certa altura a primeira parou, do que resultou pararem também as outras duas.

A senhora vulgar leu os letreiros fixados na parede. O de cima dizia: *Vendem-se estampilhas e outras fórmulas de franquia dos Correios e Telégrafos.* O de baixo anunciava: *Águas.*

Depois entrou no estabelecimento e, tamborilando no balcão com uma moeda de cobre, pediu:

—Dê-me um copo de água.
—De Luso?—interrogou o caixeiro.

—E' para a menina.

—Perfeitamente. Mas de Luso?

A senhora vulgar esguichou um jacto de cólera, como um pneu esguicha ar ao encontrar um prego:

—O senhor é insolente!
—Perdão, eu...

—Porque razão há-de ser água de Luso? Não lhe disse já que quem tem sede é a minha filha?

—Não sabia que a menina era filha de V. Ex.ª.

—Devia calcular. Se não fôsse por

Tempestade num copo de água

(História estúpida)

causa dela, não teria entrado nesta loja sem cotação.

—Minha senhora: lamento...
—Ainda por cima lamenta ver-me aqui. Mas acabemos com isto. Dê-me um copo de água.

—Permita V. Ex.ª que pergunte pela última vez: de Luso?

—Basta! De Luso, porquê?! Acha que a minha filha tem cara de doente?

—De maneira nenhuma. Pelo contrário, nota-se que é uma menina saudável: um pouco pálida, um bocado de olheiras, linfática, razoavelmente escrofulosa... Fora disso, deve ser bastante robusta...

—Vamos: dê-me um copo de água!
—Mineral?

—Não senhor. Uma água de menos responsabilidade.

—Compreendo: animal.

—Que quer o senhor dizer com isso?!

—Que lhe vou trazer um copo de Vale de Cavalos. Vidago: água mineral. Mas V. Ex.ª não quer. Fonte do Cedro: Água vegetal. A V. Ex.ª não deixava de convir... O cedro é uma árvore triste e V. Ex.ª tem fisionomia de viúva e um ar respeitável... Vale de Cavalos: água animal. Está muito bem para a menina. Os cavalos a correr, as meninas a aprender...

—E uma mosca a boiar, que a vejo eu daqui.

—Eu tiro-a já, minha senhora...

—Obrigado, mas não tolero porcarias.

—Ora essa! Então V. Ex.ª não percebe que a mosca a boiar dá um aspecto, ainda mais animal à água?!

—Beba-a o senhor, para ficar em família. Anda, Niquinha...

—Por causa destas analfabetas é que o mundo está assim!—considerou um sujeito que ao canto do balcão tomava uma limonada, em ritmo retardado, de chapéu para a nuca e mata-borrando o pescoço com um lenço descomunal.

A senhora vulgar saiu, levando a futura vulgar pela mão. A carteira, que não chegara a abrir a boca, ia também, como é de prever. A jóven Niquinha metia o dedo no nariz e num pastel de nata, alternadamente e com uma agitação toda desportiva.

As três afastaram-se, perdendo-se na confusão da rua.

E nunca mais as vi.

Bastos GUERRA

NO dia da chegada do «zeppelin» a Sintra, o povo esteve largo tempo à espera. E, quando chegou a notícia de que a gigantesca aeronave só chegaria de tarde, muitos resolveram ficar e almoçar na formosa vila, o que ocasionou um rápido esgotar de mantimentos.

Ovos, carne, peixe, tudo desapareceu num abrir e fechar de olhos, com grande satisfação do comércio local.

A uma mesa dum restaurante, dois amigos já fizeram desaparecer tudo o que lhes puzeram à frente, e o criado já os informou de que nada mais lhes poderia servir.

E os dois rapazes, um de cada lado da mesa, olham, melancolicamente os pratos vazios.

Então, um deles, faz esta descoberta sensacional:

—Já reparaste? Somos tal e qual dois namorados após uma zanga!

—Não compreendo!

—Pois é bem claro!—explicou o outro, apontando a mesa.—«Entre nós», tudo acabou!...



NA aula, o professor de declamação estava explicando o que se pode obter com a inflexão da voz. E afirmou:

—Eu sei dum actor que era capaz de ler uma lista de restaurante de forma a fazer chorar os ouvintes!

—Se calhar, lia-lhes os preços!—comentou um aluno.



—Há qualquer coisa de bizarro em tudo isto! Jura-me que não vies-te bêbedo, ontem, para casa!

(de «Candide»)

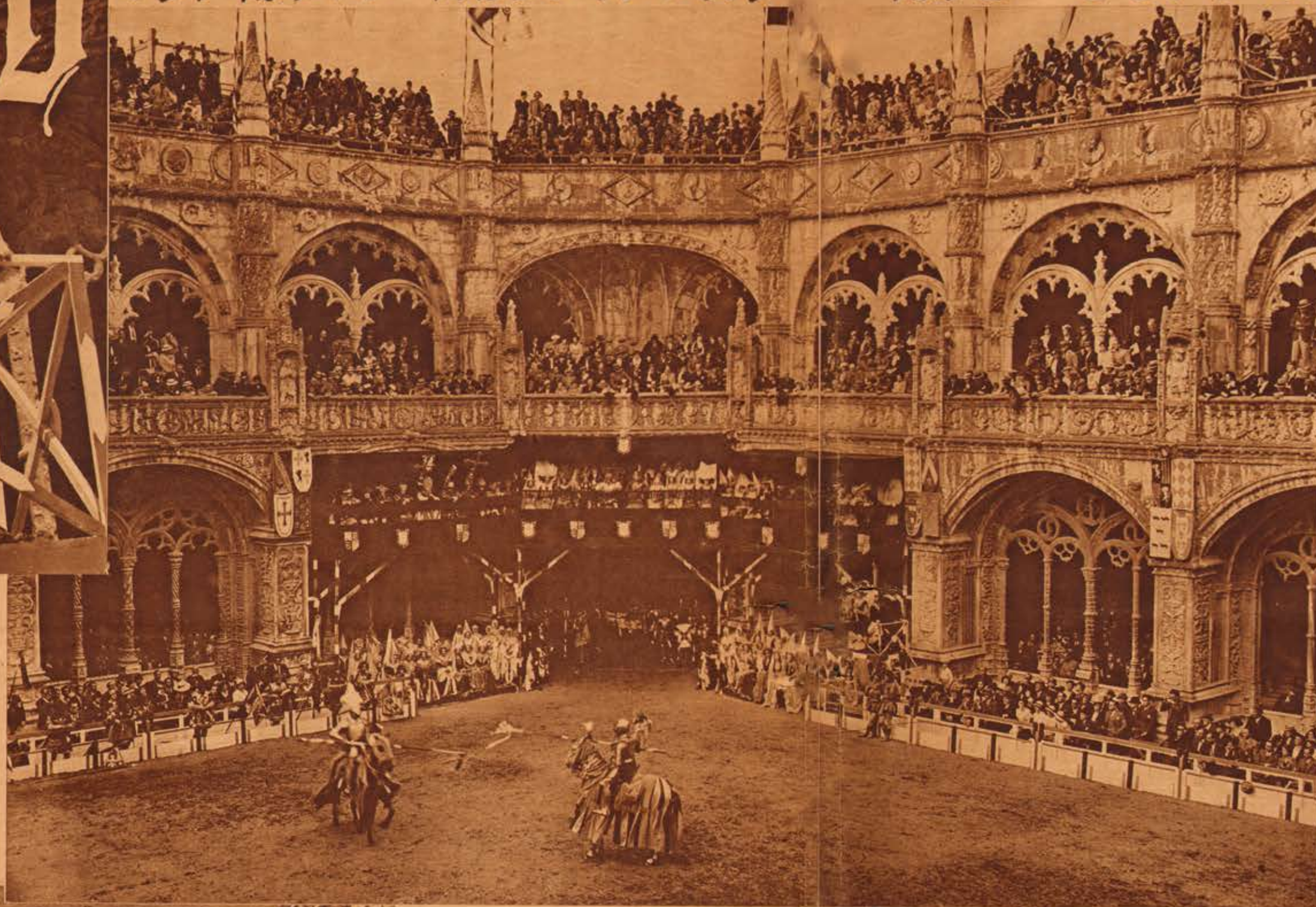
Este número foi visado pela comissão de censura.

sura.

Um espetáculo maravilhoso torneio medieval nos Jerónimos



Neste magestoso claustro dos Jerónimos—verdadeira obra de arte e de beleza—ergueu Leitão de Barros um maravilhoso espetáculo. Nunca se havia feito tão grande coisa. Conseguiu, não sem um esforço colossal, ressuscitar a época medieval, com as suas donas e donzelas, com os seus cavaleiros, com os seus pagens, com os seus escudeiros. Reviveu-se, nessas três horas, num encantador quadro,



toda essa época de fausto e de opulência. Aquele claustro era a sua moldura própria. Parecia um sonho, um sonho vivido, quando pelas dez da noite, o arauto anunciou: «E' finda a folgança!», após a aparição súbita, no terreiro, duma enorme Cruz de Cristo. Formidável emoção a dos sete mil espectadores. Foi um momento maravilhoso. Uma só opinião havia: «Que belo! Que soberbo! Tudo aquilo foi lindo: o Torneio, a Justa e as Cantigas. E os versos de Silva Tavares? Como eles nos encantaram e nos arrebataram!»

Louvores merecem todos — todos — os que trabalharam e deram o seu esforço e a sua dedicação, a essa admirável reconstituição histórica.

Um grande bravo, portanto!



AO ALTO, «à esquerda»: A linda Rainha do Torneio (Maria Sampato). — EM CIMA: Aspecto grandioso do Claustro durante a peleja do «Magrão» (Gastão Alves da Cunha) com o vencedor do Torneio.



A' ESQUERDA: Os cavaleiros em plena luta. — EM CIMA: As tribunas de honra donde assistiram ao Torneio os membros do Governo, a veracão da C. M. L. e o alto funcionalismo.



AO ALTO: A magestosa Rainha Felipa de Lancastre (Lucília Simões). — AO CENTRO: O soberbo espectáculo que oferecia de noite o Claustro. — EM CIMA: A apoteose — Leitão de Barros, rodeado por toda a figuração, recebe da assistência a mercedíssima salva de palmas, como corôa do seu formidável trabalho.

ALGUNS

DOS PRINCIPAIS COLABORADORES DO

TORNEIO DE BELÉM



O poeta Silva Tavares e o tenente Almada Negreiros



Coronel D. Luiz da Cunha Menezes



Tenente Pavia de Magalhães e maestro Frederico de Freitas



Professor e pintor Martins Barata

O «Torneio dos Jerónimos» constituiu um espectáculo de grande interesse para o público. São disso testemunho insuspeito as centenas de cartas recebidas, os aplausos no fim da Festa e os desejos que se manifestam, infelizmente sem grandes probabilidades de serem satisfeitos, da repetição. Nesse espectáculo, só possível por um extraordinário conjunto de boas vontades e de dedicações, colaboraram muitas dezenas de pessoas, cada um na sua esfera de acção. No espectáculo tomou a responsabilidade toda quem escreve estas linhas, exigindo impossíveis, e fatigando com essas exigências todos. Mas o êxito do trabalho justificou-as.

Há que destacar, de tantas — tantas! — colaborações impossíveis de registar, e que vão desde os garotos da Casa Pia, inextinguíveis de correcção e de entusiasmo, até aos graduados de cavalaria que se prestaram ao extenuante encargo de toda a parte hípica, e dos Bombeiros Municipais que foram os Pagens da Rainha, algumas individualidades que arquivamos nesta página, pela justa homenagem que bem merecem de nós, e do público.

Salientemos o ilustre oficial, aristocrático figura de cavaleiro e de «gentleman», personalidade inconfundível no meio militar, o brigadeiro sr. D. Luiz da Cunha Menezes. Fomos, com a ideia do Torneio acordar-lhe os mais belos entusiasmos pela sua Arma. E o antigo e grande comandante do 7 de cavalaria, o brilhantíssimo militar e artista, correspondeu, em tudo, ao encargo que quiz tomar sobre os seus ombros. Sem ele não era possível aquele espectáculo! Vêm depois os artistas — esse núcleo soberbo de colaboradores tão seguros e apaixonados pelas suas profissões, tão escrupulosos e caprichosos sempre nos seus trabalhos, Silva Tavares, Frederico de Freitas, Martins Barata. Um foi o poeta — e muito mais do que isso neste caso — o organizador admirável. Basta que se diga que foi o comandante de todas as entradas dos artistas, o ensaiador da parte falada e o homem que, pelos seus conhecimentos de teatro deu a assistência a toda a parte dramática. Frederico de Freitas foi o grande colaborador de tantos trabalhos: o músico que pôe sempre a inconfundível nota do seu talento pessoal em todos os temas que se lhe entregam.

Esses «cantares de amigo e de amor», nas vozes de Kjölner e da linda Maria Sampaio, são um momento de sonho que nunca mais esquece. Martins Barata foi o grande artista, sempre apagado por temperamento e por modestia: desde os programas até tudo a que o seu lápis glorioso se prestou. E vêm agora os técnicos: Pavia de Magalhães estudou com carinho e um entusiasmo sem limites, com uma paixão que o pôs doente, a parte histórica: reuniu elementos, consultou, investigou. Foram dois meses a construir o alicerce histórico, o apoio documental da nossa ideia. Finalmente o engenheiro José Carlos Santos, o técnico de luz a que Lisboa deve o grande passo da publicidade luminosa, esse rapaz audacioso e consciente a que ainda a cidade não fez justiça — foi o colaborador da maravilha apoteótica da noite.

Mas, os artistas — e de entre todos essa alma de criança e de artista que é Gastão Alves da Cunha e que foi, com sacrifício da saúde o Cavaleiro Desconhecido — as bandas da Marinha e da G. N. R., os pequenos do Azilo Nun'Alvares e da Escola de Santa Clara, tantas, tantas, tantas boas vontades que seria impossível citá-las, foram as partículas que tornaram possível aquilo que para muitos parecia impossível.

Vai ainda um abraço ao tenente Almada Negreiros — o brilhante colaborador, o entusiástico cavaleiro do ano passado e de este ano — e aos seus camaradas Sotto Mayor e Paiva Couceiro que quiseram dar, uma bela e desempoeirada compreensão, o exemplo que servirá para possibilidades futuras. Aqui fica, como em teatro, esta tabela de serviço, que se não podia escrever nas pedras vetustas do Claustro, mas que se conserva, nesta página, para sempre.



Engenheiro José Carlos Santos



Tenente Sotto Mayor



Tenente Paiva Couceiro

A colaboração feminina no Torneio Medieval



D. Carolina Homem Cristo



UMA das notas de maior elegância no Torneio Medieval — êsse deslumbrante espectáculo de côr e de movimento — foi a aparição das donas e donzelas. Aos olhos extasiados da assistência surgiram, como por encanto, essas dezenas de senhoras — ricamente vestidas — escolhidas por mão conhecedora e de artista. Esse cuidadoso trabalho foi entregue a D. Carolina Homem Cristo, uma das senhoras mais cultas e inteligentes da sociedade lisboeta — e que é ilustre directora da *Eva*. Todos os elogios são poucos. Foi incansável a sua organização. Donaire e beleza tinham tôdas elas. Escolha admirável. Cêrca duma centena de donas e donzelas, qual mais formosa e cheia de graça e distinção. A sua entrada no terreiro causou um verdadeiro movimento de encanto. Parecia um canteiro florido. A multidão, que se apinhava entre aquela secular cantaria de Belém, aplaudiu com delírio, com todo o entusiasmo. Houve emoção. Os lindos e ricos vestidos — setins, sédas, veludos, ricos matizes — tudo brilha, tudo põe uma grande mancha de côr, naquele friso de galantaria. Era uma verdadeira parada de elegância e de mocidade. Não mais esquece, àquelas sete mil pessoas que assistiram, o que foi essa chegada ao Claustro daquela centena de donas e donzelas. Ali nos ficou, também, o nosso olhar. Houve, sempre, o maior critério da escolha e do arrumo.

A tudo atendeu a ilustre directora da *Eva*, que foi a grande colaboradora da parte feminina que Leitão de Barros encontrou em boa hora.



As grandes marchas dos bairros populares



EM CIMA: A concentração das Marchas, antes da exibição, fez-se ao centro do Parque Eduardo VII.

TODA Lisboa saiu à rua no último domingo. As Marchas dos Bairros Populares percorriam a parte baixa da cidade. Tanto bastou para que milhares e milhares de pessoas se aglomerassem do Terreiro do Paço à Rotunda. Ainda havia sol e já o trânsito era difícil. A ânsia de conseguir bom lugar levou toda uma cidade a jantar

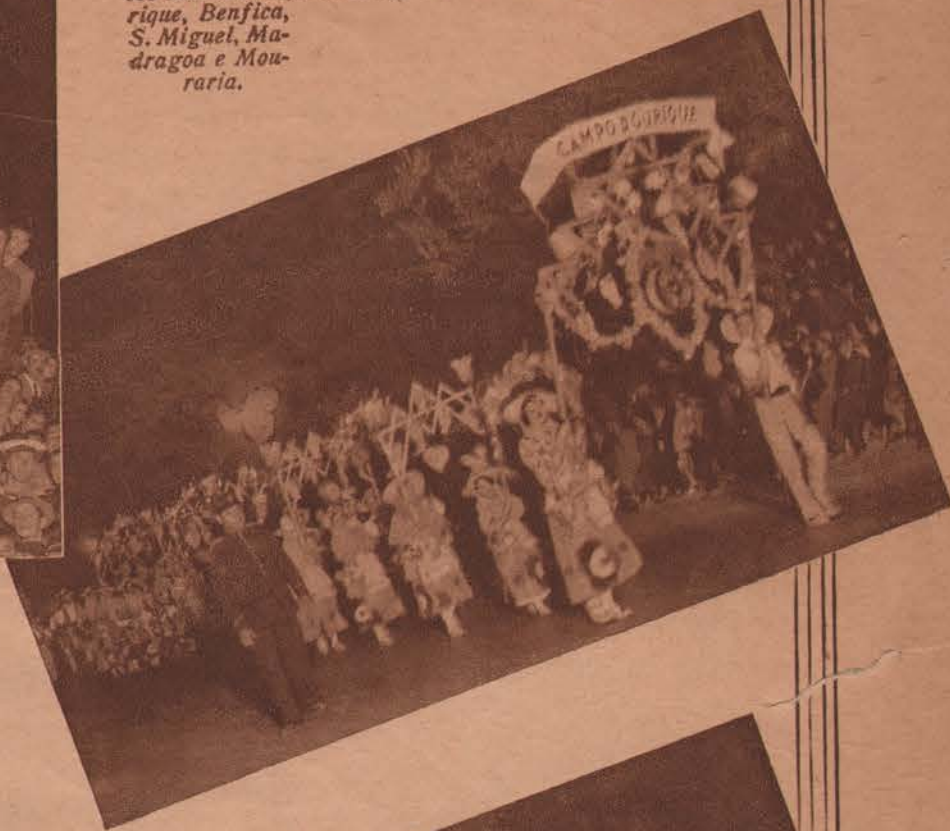


A' ESQUERDA E A' DIREITA: As Marchas dos Bairros Populares de Campolide e de Alcântara, atravessando as ruas da Baixa.

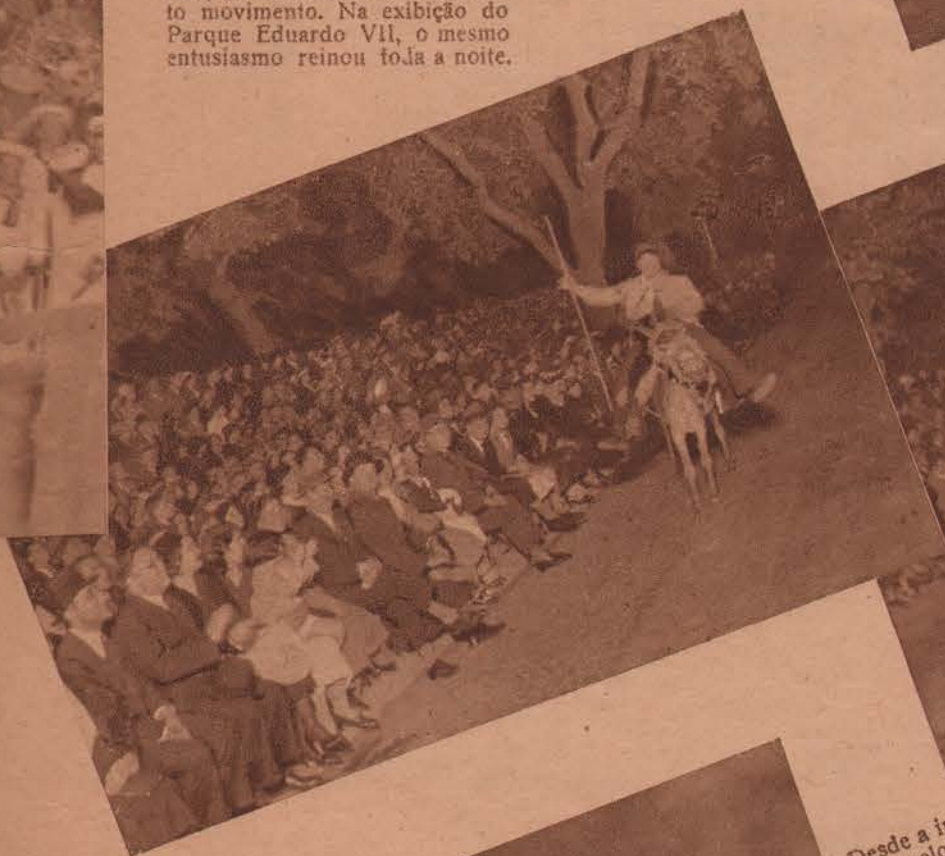




A' ESQUERDA: O palanque donde o juí presenciou a exhibiçáo das Marchas.—DE CIMA PARA BAIXO: As Marchas representativas dos bairros: Campo de Ourique, Benfica, S. Miguel, Madragoa e Mouraria.



mais cedo. Esses ranchos, cheios de alegria e de côr, foram, nessa noite, alvo da atençáo do público lisboeta. Tratava-se da festa do povo humilde, do povo que trabalha, que moureja de manhã à noite. Ninguém queria faltar para aplaudir os componentes dos grupos. Houve muitas palmas e muitos «vivas». Tudo era alegria, tudo era arraial. Côr, muita côr. Movimento, muito movimento. Na exhibiçáo do Parque Eduardo VII, o mesmo entusiasmo reinou toda a noite.



Desde a indumentária às danças e aos cantares, tudo era admirado e aplaudido pelo público. Norberto de Araújo, grande animador desses dois interessantíssimos espetáculos, foi muito felicitado. O seu esforço tremendo teve a sua recompensa. Venceu, venceu completamente. Os nossos parabéns.



O esplendoroso Desfile na corte de D. João I

DISSEMOS já—e não nos enganamos—de que Lisboa ficaria deslumbrada com o Cortejo Medieval. Assim foi. Esse «Desfile histórico da corte de D. João I» maravilhou todo o público que se estendia de Belém ao Campo Pequeno. Grande trajecto é verdade. Mas, onde seria possível conseguir meter aquelas milhares de pessoas num percurso mais curto?

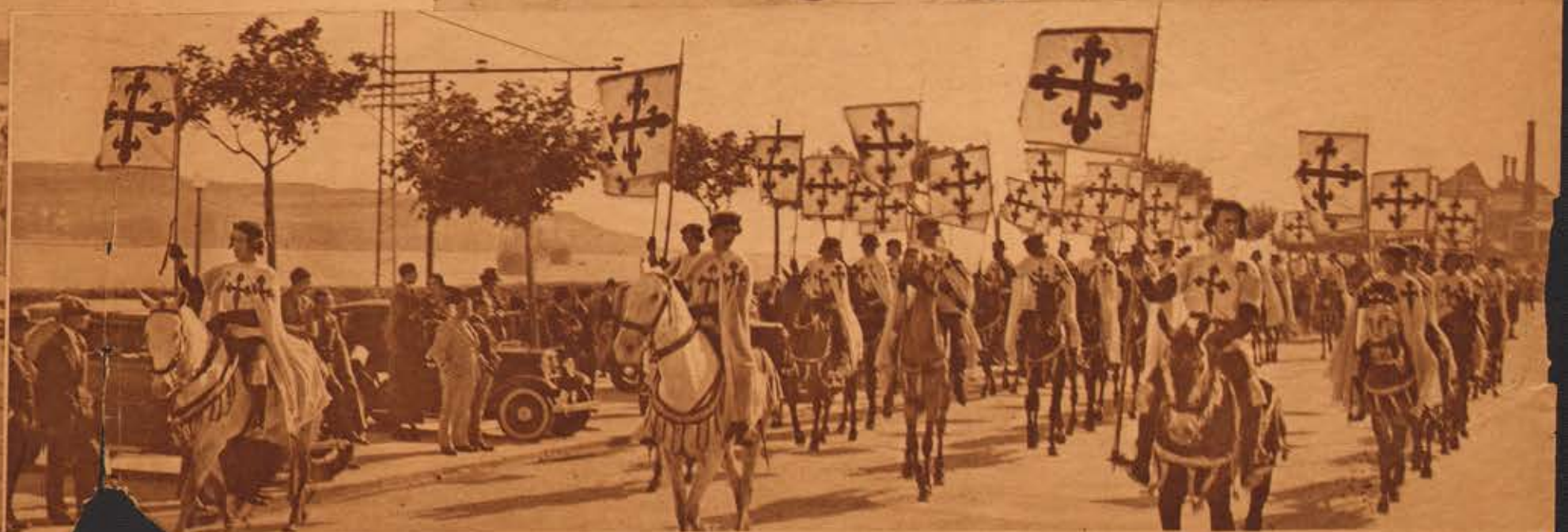
O povo de Lisboa, acrecido dos forasteiros, assistiu—sem exagero o escrevemos—ao maior espectáculo dos últimos anos em terra portuguesa e, talvez, no estrangeiro. A passagem desse Cortejo caracterizou-se por um brilhantismo invulgar. Foi uma verdadeira lição de História e de Arte. A evocação dessa faniosa época medieval—feita com todo o rigor—resultou maravilhosa. Olhou-se para trás alguns anos, mas olhou-se com olhos de ver. Tudo certo, tudo no seu lugar. Esses anos de opulência e de valentia da história portuguesa, foram bem revividos pelo esforço quasi sobrenatural de Leitão de Barros. Desnecessário se torna pormenorizar o esplendoroso Desfile. Ele ainda está na retina de todos os lisboetas e estará, por largo tempo, pois que espectáculos destes vêem-se uma vez.



A DIREITA: D. João I prepara-se para entrar no Cortejo.—EM BAIXO: Os cavaleiros de Santiago.



AO ALTO: A Rainha Felipa de Lancastre (D. Lucilla Simões) no seu palanque.—AO CENTRO, «de cima para baixo»: Os Infantes, os homens de armas, que abriam o cortejo, e o pátio de D. João I, vendo-se à frente o Condestável.





EM CIMA, «à esquerda»: O Desfile entrando no Rossio. — A' DIREITA: Uma das lindas damas do Cortejo. — A' DIREITA: A liteira que conduzia a infanta (a actriz D. Maria Ema).

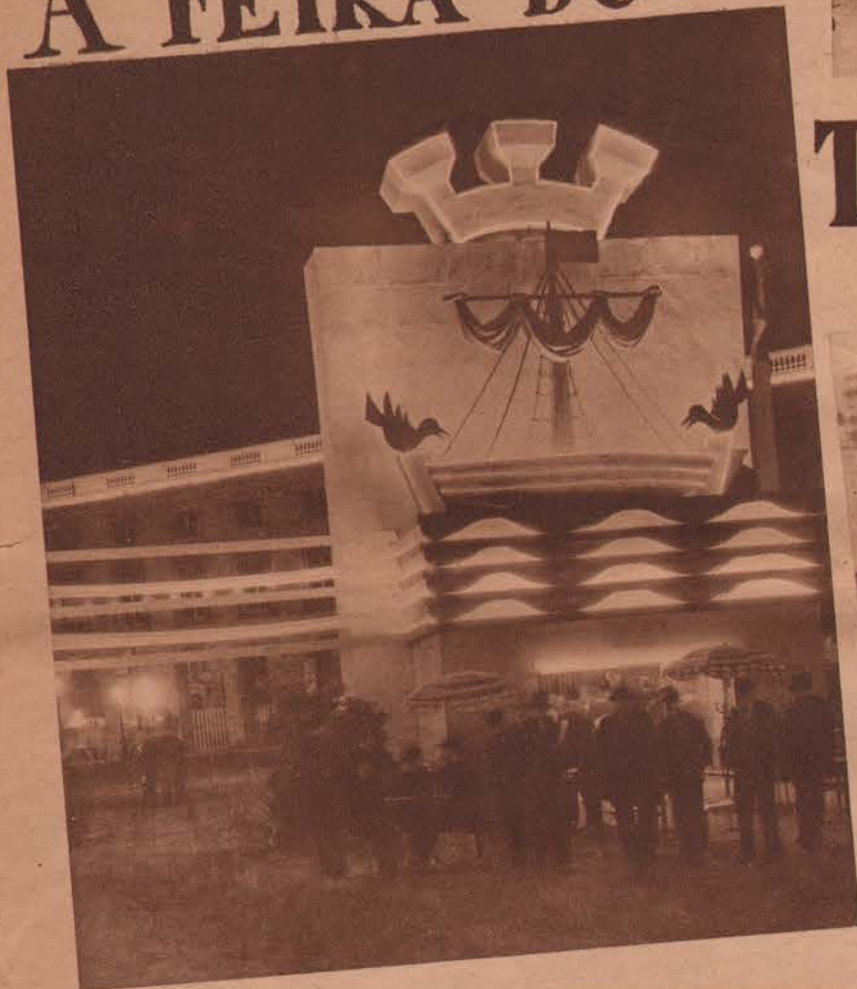


EM CIMA: Um aspecto da cavalcada das donzelas. — A' DIREITA: O palio do Dom Prior de Santa Cruz. — EM BAIXO: Um formosíssimo friso de damas e donzelas a cavalo.





A FEIRA DO



TERREIRO DO PAÇO



Luiz Teixeira—o nosso colega que conseguiu, com êxito, pôr de pé aquele número das Festas—teve a colaboração preciosade dois artistas: Fred Kradolfer e o Marquês. Já nestas páginas alguns dos «Stands» entre eles o das «Recordações das Festas».

A Feira do Terreiro do Paço—grande mercado dos nossos produtos e centro de diversões populares—tem atraído àquela linda praça, todas as noites, grande multidão. Todo o recinto apresenta um aspecto feérico.



Representação do INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA no «Cortejo Nacional de Trabalho».

(Foto Ferrari-Saro)

